

## VISÃO DO CORREIO

# Informação e vacina contra novos erros

Que vacinas salvam vidas, especialmente em um cenário de pandemia como o enfrentado diante da covid-19, não há dúvida do ponto de vista da comunidade científica, e parece ser também uma percepção que sobressai do cenário de desinformação — inclusive difundida por autoridades — que marcou a chegada ao Brasil dos primeiros imunizantes contra o coronavírus. Mas um estudo de pesquisadores brasileiros considerando o período mais crítico da crise sanitária no país, de janeiro a agosto de 2021, em que ocorreu o pico de casos fatais, dá números a essa percepção, em uma análise que traz alento, mas também alerta.

Em artigo publicado na revista científica *The Lancet Regional Health Americas*, cientistas da Fundação Oswaldo Cruz, do Observatório Covid19 BR, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), da Universidade Federal do ABC (UFABC) e da Universidade de São Paulo (USP) quantificaram o número de vidas da parcela mais vulnerável da população salvas pela vacina nos primeiros oito meses do ano passado. Chegaram, em uma estimativa considerada conservadora, à conclusão de que os imunizantes pouparam da morte entre 54 mil e 63 mil brasileiros acima dos 60 anos. No mesmo período, calculam os pesquisadores, de 158 mil a 178 mil deles deixaram de sofrer com internações e ocupar leitos na saturada rede de hospitais brasileiros.

Esse é o dado que permite ao Brasil saudar o que é classificado como o maior programa de vacinação da história do país. Deve também servir de espelho para conscientizar quem ainda conserva alguma dúvida sobre a importância da imunização, não só contra a covid-19, mas contra todas as doenças para as quais há proteção disponível. Tantas vidas salvas e tanto sofrimento poupado de milhares de famílias de fato é motivo de orgulho para um esforço que já aplicou quase meio bilhão de doses entre as várias faixas da população, apenas contra o coronavírus.

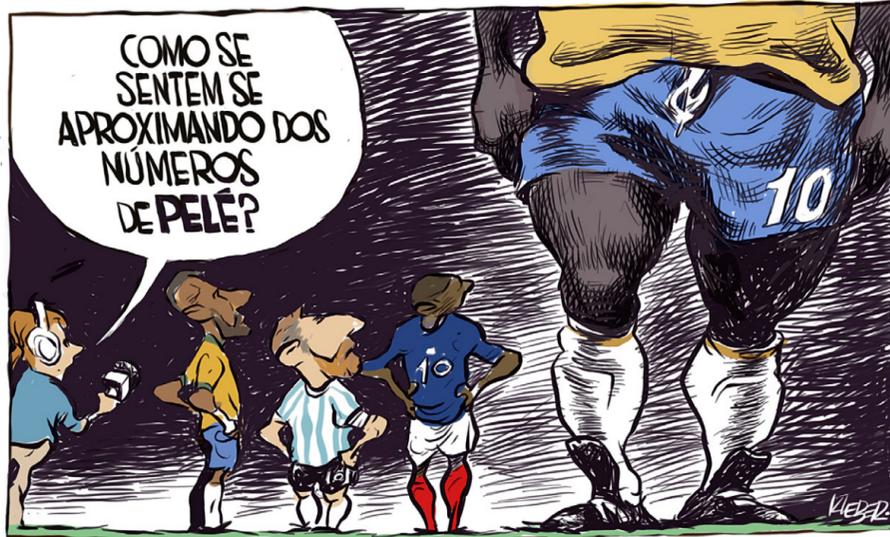
No entanto, outra vertente do estudo chama a atenção exatamente para a parte do

programa de vacinação anticovid que jamais deve ser esquecida, sob pena de se repetir. Da mesma forma que quantificou as vidas poupadas, o estudo projetou quantas pessoas poderiam ter sido salvas caso a imunização em massa tivesse começado em ritmo mais acelerado, como ocorreu de quatro a oito semanas depois do começo das aplicações.

Iniciada em 18 de janeiro de 2021 — em clima marcado por desinformação, difusão de notícias falsas, hesitação oficial e declarações vindas do Planalto que não contribuíam exatamente para encorajar a busca pela proteção —, a vacinação no Brasil, lembram os autores do estudo, avançou aos poucos. Foram 250 mil doses/dia alcançadas entre fevereiro e março; 500 mil doses diárias entre abril e maio; e 1 milhão a cada 24 horas apenas em junho de 2021.

Segundo o estudo, se o ritmo das aplicações fosse mais acelerado, o número de mortes de idosos poderia ter sido até 50% menor em relação àquele observado no pico da variante Gama do coronavírus, coincidente com a dramática crise sanitária em Manaus, que chocou todo o país. As estimativas indicam que, com uma campanha mais intensa, outras 47 mil vidas de idosos poderiam ter sido poupadas. Além disso, aproximadamente 104 mil hospitalizações teriam sido evitadas — nesse segundo cenário, com uma economia calculada em algo como US\$ 1,24 bilhão, considerando que cada pessoa hospitalizada durante a pandemia teve um custo médio estimado no Brasil em US\$ 12 mil.

Os dados do estudo servem como alerta em um cenário no qual novo avanço de casos de covid-19 encontra denúncia de descontrole em relação à vacinação e aos estoques de imunizantes, feita por integrantes da equipe de transição do governo eleito — embora negada pelo Ministério da Saúde. Polêmicas à parte, é fato que cidades como Belo Horizonte se encontram com a aplicação da quarta dose estagnada por falta de vacinas, segundo a prefeitura, ao passo que no Brasil apenas 7% das crianças de 3 e 4 anos tomaram as duas doses preconizadas. Situações muito preocupantes para um país que já teve tempo de sobra para aprender com as estatísticas de seus erros.



## » Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: [redat.df@dabr.com.br](mailto:redat.df@dabr.com.br)

## Por que somos assim?

O Brasil (não só ele!) tem dificuldades crônicas em lidar com a diversidade humana. Ainda não somos evoluídos o suficiente para lidar com a multiplicidade de estilos que compete ao país compreender. A miscigenação traz uma aparente ideia de pluralidade no campo da convivência social. Disfarçamos (e mal!) nossa intolerância sob o manto do carnaval eterno e da Copa eufórica. Bate uma solidariedade de cínica, principalmente na época natalina. A violência estruturalmente forma o tecido nacional e impede que a expressão da alteridade se faça mais vezes com respeito e dignidade. Casos isolados de liberdade, igualdade e fraternidade acontecem. Aqui, a política do favor e o direito de propriedade maculam a honestidade e a solidariedade como práticas virtuosas. Basta ler o início do romance *A viúva Simões* (1897), escrito por Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), para perceber como o cinismo e a hipocrisia atropelam o ensino ético dos afetos racionais e emocionais: "Apesar de moça e de rica, a viúva Simões raras vezes saía; dedicava-se absolutamente à sua casa, um bonito chalet em Santa Tereza. Via sempre ali; inquirendo, analisando tudo num exame fixo, demorado, paciente, que exasperava os seus cinco criados: a Benedita, cozinheira preta, ex-escrava da família; o Augusto, copeiro, francês, habituado a servir só gente de luxo; a lavadeira Ana, alemã, de rosto largo e olhos deslavados; o jardineiro João, português; homem já antigo no serviço, e uma mulatinha de quinze anos, cria de casa, a Simplicia, magra, baixa, com um focinho de fuinha e olhos pequenos, perspicazes e terríveis. Não era fácil dirigir pessoal tão diferente em raças e em educação. A viúva; modesta e um pouco indolente para os deveres exteriores, consumia ali, dentro das suas paredes, toda a sua atividade. Em vida do marido frequentara algum tanto a sociedade; mas depois que ele partiu sozinho para o outro mundo, ela encolheu-se com medo que se discutisse lá fora a sua reputação, coisa em que pensava numa obsessão quase nevrótica".

» **Marcos Fabrício Lopes da Silva**, Asa Norte

» **João Honorio** — Asa Sul

» **Raimundo Freitas** — Cruzeiro

» **Ricardo Mesquita** Jardim Botânico

» **Pelé**

» **Thiago da Silva** Lago Norte

## Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Futebol é a alegria mais democrática de nossa existência. No terceiro gol da Inglaterra contra Senegal, pensei: um gol senegalês agora, além de repetir o placar de França e Polônia, também seria bem legal pra Senegal!

» **Evangelista Duarte** — Asa Norte

Nem todos os políticos que deixam os cargos perdem o poder. Até agora, quem chega à Presidência da República, antes de sentar na cadeira, pede bênção ao ex-presidente José Sarney.

» **Raimundo Freitas** — Cruzeiro

Não entendi. Bolsonaro gritam por liberdade e por intervenção militar. Uma coisa ou outra. As duas não se combinam e são velhas inimigas.

» **João Honorio** — Asa Sul

» **Ricardo Mesquita** Jardim Botânico

» **Pelé**

» **Thiago da Silva** Lago Norte



**ROSANE GARCIA**  
[rosanegarcia.df@dabr.com.br](mailto:rosanegarcia.df@dabr.com.br)

## Que 2023 seja de mudanças

Em vários momentos, até sonhamos. Era inimaginável supor que os povos indígenas alcançassem um espaço de poder. Mas eles chegaram e, agora, formam a Bancada do Cocar na Câmara, com Sonia Guajajara, Juliana Cardoso, Célia Xakriabá, Silva Weaípi e Paulo Guedes — lamentáveis a não reeleição de Joenia Wapichana. Essa conquista, ao lado do prometido Ministério dos Povos Originários, tem enorme significado e pode ser mais um passo importante para — quem sabe? — interromper conflitos, invasões, mortes precoces, assassinatos premeditados, desmatamento, ações de garimpeiros ilegais, transmissão de doenças e tantas outras mazelas.

Fico na torcida para que sejam recuperados os legados dos que se dedicaram à causa indígena, como os irmãos Villa Lobos, os sertanistas Sidney Possuelo, Apoena Meirelles, Ezequias Heringer, José Porfírio de Carvalho Bruno Pereira, os antropólogos Cláudio Romero, Isa Maria Pacheco Rogedo e tantos outros que compreenderam, valorizaram e se dedicaram à defesa dos povos originários. Na faculdade, a minha primeira entrevista — dever de casa do laboratório de jornalismo — foi com Marcos Terena, o primeiro piloto indígena de aeronave. Não esqueci a conversa com Terena. Para ele, os indígenas precisavam sair das aldeias, sem romper com seu povo, e compreender os "códigos" dos brancos, para saber se defender.

Ao longo dos anos, assistimos a inomináveis

episódios de crueldade com os indígenas. Perdeu-se a conta de quantos foram assassinados, tiveram aldeias incendiadas, mulheres e adolescentes violentadas, infectados por doenças que não os livraram de sucumbir pela falta de assistência médica adequada. Repetindo a história, foram, como sempre, atacados de todas as formas pela ambição desmedida de brancos que queriam, e ainda desejam, ocupar os territórios dos diferentes povos. Episódios revoltantes em um país com as dimensões do Brasil, onde há espaço para todos conviverem em harmonia, respeitando aqueles que aqui estavam antes da colonização.

No primeiro ano da Assembleia Constituinte (1987/1988), testemunhei o emocionante e brilhante discurso de Ailton Krenak, em defesa dos povos indígenas. Do púlpito da Câmara dos Deputados, enquanto pintava o rosto de preto — líquido extraído do jenipapo —, ele destacou que as comunidades originárias têm um jeito próprio de pensar e viver, que não colocam em risco a vida dos animais e muito menos dos humanos. No entanto, ainda que inofensivas, inclusive ao patrimônio dos brancos, as diferentes etnias eram alvo de agressões por uma sociedade que não sabe respeitar os mais fracos — como ainda ocorre. A Constituição de 1988 avançou em relação aos povos originários. Mas os sucessivos governos não levaram a sério determinações da Carta Magna. Espere-se que 2023 seja o marco de mudanças.

## CORREIO BRAZILIENSE

*"Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houera, lá chegara"*  
Camões, e.VII e 14

**ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA**  
Diretor Presidente

**GUILHERME AUGUSTO MACHADO**  
Vice-Presidente executivo

**Ana Dubeux**  
Diretora de Redação

**Leonardo Guilherme Lourenço Moisés**  
Diretor Financeiro

**Valda César**  
Superintendente de Negócios e Marketing

**Josemar Gimenez**  
Vice-presidente de Negócios Corporativos

**S.A. CORREIO BRAZILIENSE** — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526; 3214-1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: [associados@uigaiga.com.br](mailto:associados@uigaiga.com.br). Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: [sucursalf@uigaiga.com.br](mailto:sucursalf@uigaiga.com.br). REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo — Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2210; E-mail: [comercial@midiaabril.com.br](mailto:comercial@midiaabril.com.br). Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 508 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: [hmr@hrmmultimedia.com.br](mailto:hmr@hrmmultimedia.com.br). Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exitto Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C/2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Tel: (62) 3085-1770 e 62-3912-6119. Brasília: SÁ Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: [Thiago@sapublicidade.com.br](mailto:Thiago@sapublicidade.com.br). Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: [atendimento@meioemidia.com.br](mailto:atendimento@meioemidia.com.br). Endereço na Internet: <http://www.correiowb.com.br>. Os serviços noticiais e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

**COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO**  
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

**VENDA AVULSA**  
Localidade SEG/SÁB DOM  
DF/GO R\$ 3,00 R\$ 5,00

**ASSINATURAS \***  
SEG a DOM  
R\$ 837,27  
360 EDIÇÕES  
(promocional)

\* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.  
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia  
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:  
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:  
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.  
Telefones: (61) 3214.1575/1582/1568/0800-647-7377; Fax: (61) 3214.1595.  
E-mail: [dapress@dabr.com.br](mailto:dapress@dabr.com.br); Site: [www.dapress.com.br](http://www.dapress.com.br)

**DIÁRIOS ASSOCIADOS DA**

**DA LOG**  
Agenciamento de Publicidade